

# A Grande Comissão: Breve Análise de Mateus 28,16-20 e o Processo de Desenvolvimento dos Dons Espirituais

## The Great Commission: Brief Analysis of Matthew 28,16-20 and The Process of Developing Spiritual Gifts

*\*Mauro Ribeiro dos Santos*

### Resumo

Este artigo objetiva analisar a chamada “grande comissão” de Mateus 28,16-20 extraindo os elementos básicos da ordem de Jesus aos discípulos e por consequência a todos os cristãos ao longo da história da humanidade. Através de uma breve análise teológica serão expostos os principais termos utilizados por Jesus na linguagem original do Novo Testamento, o grego, buscando esclarecer os principais objetivos da expressão “ide” e do imperativo “façam discípulos”, bem como de outros termos importantes expressos na perícopa. O artigo também apresentará uma seleção de conceitos contemporâneos de discipulado cristão objetivando ampliar a visão acerca do tema tendo os “dons espirituais”, conforme descritos pelos apóstolos Paulo e Pedro como ferramentas práticas para o discipulado, possibilitando assim, o cumprimento da “grande comissão” de Jesus Cristo à Sua igreja.

### Palavra Chave:

Comunhão, Discipulado;  
Dons Espirituais; Missão;  
Relacionamento

### Abstract

This article aims to analyze the so-called “great commission” of Matthew 28,16-20 by extracting the basic elements of Jesus’ order to the disciples and consequently to all Christians throughout human history. Through a brief theological analysis, the main terms used by Jesus in the original New Testament language, Greek, will be exposed, seeking to clarify the main objectives of the expression “ide” and the imperative “make disciples”, as well as other important terms expressed in pericope. The article will also present a selection of contemporary concepts of Christian discipleship with the aim of broadening the vision on the theme with the “spiritual gifts”, as described by the apostles Paul and Peter as practical tools for discipleship, thus enabling the fulfillment of the “great commission” of Jesus Christ to His church.

**Keyword:** Communion,  
Discipleship; Spiritual Gifts;  
Mission; Relationship

\*mestre em teologia aplicada pela Faculdade Batista do Paraná FABAPAR. Atualmente é pastor sênior da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Vila Santo Antônio na cidade de Novo Hamburgo - RS - Brasil.

Enviado em  
11/12/2020  
Aprovado em  
12/05/2021



## 1. Introdução

**U**ma das perícopes mais conhecidas e difundidas no meio cristão, que discorre sobre a missão da igreja, é a encontrada em Mateus 28,16-20. Dela extrai-se um processo orientado por Jesus onde o “fazer discípulos” tem destaque imperativo, ou seja, tom de ordem em Seu ensinamento. A ideia é que apenas “indo”, “se movimentando” os primeiros discípulos e o restante da comunidade de crentes seriam capazes de cumprir a missão. O “ir” é estabelecido como elemento fundamental para que, através do deslocamento, outras nações tivessem a oportunidade de ouvir acerca do evangelho e assim serem discipuladas através do ensino e do batismo.

O objetivo deste artigo será extrair os elementos basilares da ordem de Jesus Cristo aos discípulos e destacar, dentre eles, os aspectos fundamentais do processo de discipulado cristão. Através de uma breve análise teológica, serão destacados os termos apresentados por Mateus buscando a compreensão objetiva desta ordem. Serão apresentados, também, alguns conceitos contemporâneos de discipulado com base nos “Dons Espirituais” descritos na Bíblia Sagrada nos livros de Efésios 4,11-13, Romanos 12,6-8, 1 Coríntios 12,8-11, 1 Coríntios 12,28 e 1 Pedro 4,11, objetivando mapear introdutoriamente o perfil ministerial embasado nas dádivas concedidas aos seres humanos para o desenvolvimento do serviço eclesial, aperfeiçoamento dos fiéis e cumprimento da missão evangélica.

## 2. Breve Introdução ao Livro de Mateus

Antes de uma análise mais específica da perícopa de Mateus 28,18-20, será necessária uma apresentação geral, porém não exaustiva, de todo livro com o objetivo de ampliar a visão do leitor acerca do contexto e do propósito principal pelo qual o evangelho foi escrito.

Entre os eruditos existem poucas dúvidas sobre a autoria dos evangelhos. Segundo Keener (2017, p. 43) de forma distinta das epístolas de Paulo, os evangelhos em geral se baseiam mais na tradição da igreja do que em evidências apresentadas pelo próprio texto bíblico. Segundo o autor, embora as tradições referentes à autoria dos evangelhos se tornem públicas no segundo século, em diferentes partes do império parece haver unanimidade quanto à sua autoria indicando assim que as tradições remontam a um período anterior. O autor ain-

da destaca que obras da extensão dos evangelhos eram raramente publicadas de maneira anônima, portanto, essas tradições foram provavelmente preservadas e transmitidas de modo fiel pela primeira geração.

Fontes bíblicas e eruditos atribuem claramente a autoria do primeiro dos quatro evangelhos a Mateus. Segundo Dorneles (2013, p. 271), evidências internas indicam que o livro foi escrito por um judeu convertido ao cristianismo. Esse era o caso de Mateus (Mt 9,9). A modesta referência a si mesmo na festa (Mt 9,10) se compara ao modo como João (Jo 21,24) e, possivelmente Marcos (Mc 14,51-52), se referem a si mesmos, portanto, pode ser um testemunho indireto de sua autoria. De acordo com Tasker (1980, p. 7) “Irineu<sup>1</sup>, sagrado bispo de Lyon, pelo final do segundo século afirmou que este documento original foi escrito por Mateus, ao tempo em que Pedro e Paulo estavam pregando o evangelho em Roma e fundando a igreja”. O Comentário Bíblico Vida Nova (CARSON, 2009, p. 1105) diz que “a tradição primitiva do cristianismo atribui, por unanimidade, a autoria do evangelho ao apóstolo Mateus”. O escritor Eusébio de Cesária (1999, p. 209) em seu livro História Eclesiástica, cita os escritos de Papias de Hierápolis<sup>2</sup> com o título de “Interpretações das declarações de nosso senhor”: “Mateus compôs sua história em dialeto hebraico e cada um traduzia segundo a capacidade”. Ele também diz: “Mateus tendo primeiro proclamado o evangelho em hebraico, quando estava para ir também a outras nações, colocou-o por escrito em sua língua natal e assim, por meio de seus escritos, supriu a necessidade de sua presença entre eles”. (EUSÉBIO, 1999, p. 178.)

Segundo Tasker (1980, p. 7) “Estas palavras foram invariavelmente entendidas por escritores subsequentes na Igreja Primitiva como referentes a uma obra original de Mateus, da qual o Evangelho grego de Mateus era uma tradução”. Entretanto, não é encontrado fontes suficientes para a afirmação de que o evangelho se deu originalmente em hebraico. Pelo contrário, existem argumentos que defendem a ideia da originalidade grega. De acordo com Dorneles (2013, vl. 5, p. 165-166) pontua-se alguns detalhes:

a. O Texto grego de Mateus não tem as características de uma obra traduzida. Os supostos aramaísmos também ocorrem nos outros evangelhos e podem indicar somente que o escritor pensava em aramaico enquanto escrevia em grego. O livro do

1. Bispo Grego, teólogo e escritor católico, nasceu, como se crê, na província romana da Ásia Menor Proconsular em 130 d.C e morreu em ca. 202 d.C.

2. Fonte de informações patrística mais antiga datando cerca de 125 d.C.

apocalipse está repleto de expressões idiomáticas aramaicas.

b. A uniformidade da linguagem e do estilo transmite claramente a impressão de que o livro foi originalmente escrito em grego.

c. A grande semelhança linguística com o livro de Marcos, em particular, e em menor grau com o de Lucas, torna mais difícil a possibilidade de se tratar de uma tradução.

Por outro lado, existem estudiosos que afirmam não ser Mateus o autor do evangelho. De acordo com o Novo Comentário Bíblico São Jerônimo (2011) “Por que uma testemunha ocular necessitaria copiar de outro autor que não foi?” segundo o autor seria melhor compreender o evangelho como uma síntese bem desenvolvida que combina o evangelho de Marcos com uma fonte antiga de ditos de Jesus<sup>3</sup> cujo escritor é desconhecido.

Mesmo havendo algumas divergências entre os teólogos antigos e modernos sobre a autoria e linguagem original do evangelho de Mateus, levando em consideração as referências ora destacadas, e outras mais que fazem parte do vasto material analisado que, prezando pela objetividade do texto, preferiu-se não referenciar nesta pesquisa, destaca-se a possível autoria do evangelho a Mateus e o texto grego com grande possibilidade de ser a língua original de sua composição.

A datação do evangelho também é um ponto bastante debatido pelos teólogos. Segundo Keener (2017, p. 41) “[...] com propostas de datas anteriores a 70 d.C e de 90 d.C [...] a maioria não atribui a Mateus data anterior a 64 d.C”. Para Tasker (1980, p. 13) “No máximo poderíamos dizer que uma data posterior a 70 d. C é a data provável do ‘primeiro’ evangelho, mas quão posterior não temos meios de saber com precisão”. O Comentário Bíblico de São Jerônimo (2011) relata que o evangelho de Mateus foi escrito após o livro de Marcos (64-69 d.C.) e antes de 110 d.C.

Em relação ao local de composição do evangelho é sugerido pelos estudiosos a cidade de Antioquia. Para Miller e Huber (2006, p. 74) “parece provável que o evangelho tenha sido escrito em Antioquia, a cidade onde os seguidores de Jesus foram pela primeira vez chamados de Cristãos”. Segundo os autores, após o martírio de Estevão, muitos judeus cristãos fugiram para Antioquia o que sugere a ideia de que estes foram o público alvo do evangelho de Mateus. Keener (2017) destaca como provável a região Síria-Palestina onde os rabinos

---

3. A chamada fonte dos ditos [Q] Logien Quelle.

exerceram maior influência nas décadas de 70 e 80 d.C.

Os comentaristas têm observado o público destinatário do evangelho de Mateus como sendo a comunidade judaico-cristão e os judeus não convertidos. Isso se dá pela forma como o texto é apresentando. A exemplo cita-se o modo como o autor faz referência à tradição judaica sem muitas explicações, sugerindo a ideia de que seu público já possuía esse conhecimento. Outro detalhe tem a ver com a ênfase dada ao antigo testamento. Segundo Dorneles (2013, vl 5, p. 275), “mais que todos os escritores do evangelho juntos, Mateus apresenta Jesus como aquele para quem apontavam os símbolos do Antigo Testamento e aqueles em quem se cumpriram”. Outro aspecto ainda, tem a ver com o respeito para com a lei judaica, um detalhe importante devido sua audiência.

Outro detalhe que se destaca nos comentários acerca do evangelho de Mateus tem a ver com o formato de seus escritos que sugerem um material próprio para o ensino. A divisão do texto em cinco partes unindo a ideia de uma narrativa associada ao ensino, torna este livro um possível guia para o discipulado utilizado assim na igreja primitiva. “O autor tinha em mente que o seu evangelho servisse à Igreja como um manual de ensino. Isso explica a sua estrutura incomum em cinco partes”. (BRUCE, 2008, p. 1553). Segue a análise destas cinco partes, segundo o Comentário Bíblico NVI (2008, p. 1554):

**Prólogo: Nascimento e infância (1,1–2,23)**

- I. 1) Narrativa: Anunciação e aparição do Messias (3,1–4,25)
- 2) Ensino: O Sermão do Monte (5:1–7:29)
- II. 1) Narrativa: Milagres na Galileia (8,1–9,34)
- 2) Ensino: A missão dos Doze (9,35– 11,1)
- III. 1) Narrativa: Hostilidade crescente (11,2– 12,50)
- 2) Ensino: O Reino dos céus (13,1-52)
- IV. 1) Narrativa: A sombra da cruz (13,53– 17,23)
- 2) Ensino: A Igreja (17,24– 18,35)
- V. 1) Narrativa: O caminho para Jerusalém (19,1–23,39)
- 2) Ensino: Escatologia (24,1–25,46)

**Epílogo: Paixão, morte e ressurreição (26,1–28,20)**

Essa estrutura quádrupla favorecia a dinâmica de estudo para a formação discipular através do ensino. De acordo com Keener, os escritos de Mateus ser-

vem como uma espécie de coletânea de treinamento.

Para muitos estudiosos, a coletânea de ensinamentos de Jesus reunida por Mateus (especificamente os versos 5-7; 10; 13; 18; 23-25) deve ser usada para treinar outros discípulos de Cristo, assim como os discípulos de mestres judeus transmitiam os seus ensinamentos do rabino aos próprios discípulos (28.19). (KEENER, 2017, p. 44)

Claramente a estrutura do evangelho de Mateus aponta para um processo formativo que leva em consideração tanto o cognitivo quanto a ação prática. Percebe-se uma suposta intenção por parte do autor em redigir seu texto, de acordo com a análise de Bruce citada acima, levando o leitor a uma compreensão ampla a respeito de Jesus, destacando seu nascimento milagroso como cumprimento das profecias do Antigo Testamento, e ilustrando, através de grandes blocos de ensino as orientações dadas pelo próprio Jesus. Assim, essa literatura servia tanto como objeto de fortalecimento para os judeu-cristãos convertidos, como também para o estudo e conversão daqueles que ainda não O haviam aceitado como o cumprimento profético do Antigo Testamento. Em suma, poderia se tratar de um material de treinamento e evangelismo.

## 2.2. Breve Análise da Perícopé de Mateus 28,16-20

<sup>16</sup> Οἱ δὲ ἑνδεκά μαθηταὶ ἐπορεύθησαν εἰς τὴν Γαλιλαίαν, εἰς τὸ ὄρος οὗ ἑτάξατο αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς. <sup>17</sup> Καὶ ἰδόντες αὐτὸν προσεκύνησαν, οἱ δὲ ἐδίστασαν. <sup>18</sup> Καὶ προσελθὼν ὁ Ἰησοῦς ἐλάλησεν αὐτοῖς λέγων. Ἐδόθη μοι πᾶσα ἐξουσία ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ [τῆς] γῆς. <sup>19</sup> Πορευθέντες οὖν μαθητεύσατε πάντα τὰ ἔθνη, βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος. <sup>20</sup> Διδάσκοντες αὐτοὺς τηρεῖν πάντα ὅσα ἐνετειλάμην ὑμῖν· καὶ ἰδοὺ, ἐγὼ μεθ' ὑμῶν εἰμι πάσας τὰς ἡμέρας, ἕως τῆς συντελείας τοῦ αἰῶνος. (GNT, 1994)<sup>4</sup>

<sup>16</sup> Os onze discípulos foram para a Galileia para o monte onde ordenou a eles Jesus, <sup>17</sup> e vendo a ele adoraram, eles mais duvidaram. <sup>18</sup> E aproximando-se Jesus falou a eles dizendo: Foi dada a mim toda a autoridade em (o) céu e sobre (a) terra. <sup>19</sup> Indo pois discipulai todas as nações, batizando a eles em o nome do Pai e do Filho e do Santo Espírito, <sup>20</sup> ensinando a eles a guardar todas as coisas as quais ordenei a vós; e eis eu convosco estou todos os dias até o fim do século.<sup>5</sup>

4. The Greek New Testament, 4 ed. Revisada, Sociedade Bíblica Unidas, 1994.

5. Tradução literal, Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

<sup>16</sup> Seguiram os onze discípulos para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara. <sup>17</sup> E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. <sup>18</sup> Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. <sup>19</sup> Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; <sup>20</sup> ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (ARA, 1993)<sup>6</sup>

De acordo com o *The Greek New Testament* em sua 4ª edição (1994), a perícope dedicada à chamada “grande comissão” tem início no verso 16, diferentemente de traduções em Português, como a Revista e Atualizada 2ª edição (1959), que por sua vez, inicia com a identificação de um subtítulo no verso 18. Obviamente existe a compreensão de que os subtítulos não fizeram parte dos autógrafos e dos manuscritos mais tardios, todavia, destaca-se este como possível referencial de identificação da perícope.

O verso 16 inicia citando a ida dos onze discípulos para a Galileia conforme a orientação de Jesus (Mt 28,16). A necessidade do deslocamento para a Galileia se destaca pelo fato de ser mencionada três vezes entre os capítulos 26 e 28 de Mateus. De acordo com Veloso (2006, p, 374), “a primeira vez foi na noite de quinta-feira, segundo nosso cômputo, quando, à caminho do Getsêmani, informou-lhes que todos eles se escandalizariam naquela noite e Pedro O negaria três vezes”. O texto bíblico menciona o fato no seguinte verso: “Mas, depois da minha ressurreição irei adiante de vocês para Galileia” (Mt 26,32).

A segunda ordem para a ida à Galileia vem da boca do anjo do Senhor que, segundo os versos 1 e 2 do capítulo 28 removeu a pedra do sepulcro onde Jesus havia sido sepultado. O anjo diz a Maria Madalena e a outra Maria: “Agora vão depressa e digam aos seus discípulos que Ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vocês para a Galileia; lá vocês o verão” (Mt 28,78). Já a terceira ordem vem do próprio Jesus: “[...] não tenham, medo! Vão dizer aos meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão” (Mt 28,10).

As três referências em destaque demonstram a importância dada pelo evangelista aos eventos ocorridos na Galileia. Citando este destaque, Veloso diz: “O evangelista Mateus escolheu terminar sua história na Galileia. Como ele focalizou seus relatos nessa região do país é apropriado que termine sua narra-

6. Almeida Revisa e Atualizada 2 ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

tiva ali”. (Ibidem. p. 373).

De acordo com Beaumont (2006, p. 89) “Jesus, em seu ministério, encontrou grande aceitação na Galileia com exceção de sua cidade natal, Nazaré, onde o desprezaram após ouvir o seu primeiro sermão onde se declarou o libertador do povo”, conforme Isaias havia profetizado (Is 61,1-2). Muitos milagres foram realizados nos arredores da Galileia. A exemplo cita-se:

#### CAFARNAUM

- a. Cura de um homem endemoninhado na sinagoga (Mc 1,21-28)
- b. Cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-32)
- c. Perdão e cura de um homem paralítico (Mc 2,1-12)
- d. Cura de um servo do centurião (Mt 8,5-13)
- e. Ressureição da filha de um dos chefes da cidade (Mt 9,18-26)

#### CORAZIM

- a. Muitos Milagres operados diante de um povo incrédulo (Mt 11,20-24)

#### BETSAIDA

- a. Multiplicação de alimentos para 5000 pessoas (Lc 9,10-17)

#### MAR DA GALILEIA

- a. Jesus caminha sobre as águas (Mt 14,22-23)
- b. Jesus acalma uma tempestade (Mt 8,23-27)

#### GADARA

- a. Jesus expulsa demônios e os manda para uma manada de porcos (Mt 8,28-34)

#### MAGADÃ

- a. Jesus confronta fariseus e saduceus (Mt 16,1-12)

A Galileia aparece em destaque no ministério de Jesus. Mt 4,23 diz que “Jesus percorria toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda a sorte de doenças” Por estes fatos, não causa estranheza que o evangelista Mateus apresente a Galileia como ponto de encontro entre Jesus e os discípulos após a ressurreição, objetivando dar as últimas orientações na condução da igreja estabelecida por Ele.



O monte citado (Mt 28,16) não é descrito com clareza de detalhes facilitando sua identificação, entretanto, segundo Dorneles (2013, p. 602) o lugar, provavelmente, deve estar associado ao ministério de Jesus e ser conhecido pelos discípulos, como por exemplo o local do sermão do monte (Mt 5,1) ou o monte da transfiguração (Mt 17,1). Segundo o apóstolo Paulo, cerca de 500 pessoas se reuniram no monte, além dos discípulos, para o reencontro com Jesus. (1Co 15,6). O relato bíblico dá a impressão de que todos os presentes no monte contemplaram com seus próprios olhos o aparecimento de Jesus no meio deles (Mt 28,17). Segundo Mateus muitos o adoraram, e alguns duvidaram (v.17). Porém, o fato do grande ajuntamento de pessoas além dos discípulos pode sugerir a ideia de que a dúvida não partiu dos apóstolos e sim de pessoas dentre a multidão, muitas das quais, possivelmente, nunca tinham visto Jesus.

O verso 18 inicia demonstrando a autoridade de Jesus para enviar os discípulos ao cumprimento da missão. “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”. Enquanto esteve na terra, Jesus exerceu poder (*exousia*) durante todo o Seu ministério (Mt 7,29; 21,23), no entanto Sua autoridade havia sido voluntariamente limitada. Nesse momento, segundo o contexto, ele retomou toda a autoridade que exercia antes de vir à Terra para assumir as limitações da humanidade (cf. Fp 2,6-8) (DORNELES, 2013, p. 603).

Embora o público-alvo de Mateus fosse constituído por judeus, ele desejou mostrar que as boas novas de Jesus Cristo são universais e inclusivas. Por isso, ele cita as palavras de Jesus com um forte imperativo: “fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28,19). Todas as pessoas, independentemente de onde estiverem, segundo a ordem de Jesus devem ser discipuladas. A partir desta ordem, Jesus apresenta um processo simples de como tudo deveria ser desenvolvido. Ele diz: “indo”, “batizando”, “ensinando” (Mt 28,19-20). O processo contínuo de movimento em direção às pessoas (*poreitentes*) deveria fazer com que o ensino (*didaskontes*) resultasse em um posicionamento real ao lado de Jesus (*Baptizantes*). Citando esta lista tríplice, Burril (2015, p. 18) diz: “a missão não está completa até que todas elas tenham sido realizadas. Somente quando a igreja segue esta fórmula pode afirmar que cumpre a missão; e tudo deve ser feito no processo de ‘ir’”.

A conjunção conclusiva, “portanto” (*οὕτως*) introduz a conclusão do raciocínio exposto logo no princípio do texto. Assim, o poder dado a Jesus, ou read-

quirido pela glorificação, dá agora a capacitação necessária para se fazer discípulos. Ao mesmo tempo em que o imperativo é apresentado, segue também a confirmação das condições necessárias para o seu cumprimento. Além de conceder capacidade para a execução, Jesus promete permanecer em um processo constante de discipulado com seus seguidores até o fim da jornada nesta Terra.

No verso 19 o verbo “ir”, extraído do termo grego (*Πορευθέντες*), transliterado em português como “*poreitentes*” destaca a necessidade de um movimento. De acordo com Martins (2016, não paginado) “[...] a ordem da grande comissão está focada também em um deslocamento geográfico. Expressa uma saída de onde se está para ir a outro ambiente, espaço, lugar, cultura, país ou continente”. Assim, pode-se concluir que o termo “ir”, em certo sentido, apresenta grau de imperatividade devido à sua ligação direta com o verbo principal da perícope que, por sua vez, destaca-se como o imperativo principal. Para Martins “o verbo ‘ide’ é identificado como um particípio de circunstância atendente”<sup>7</sup>. (Ibidem., não paginado). Em outras palavras, é uma ordem que depende de outra ordem principal à qual está relacionada. Na perícope ora analisada, o verbo “discipulai”, do grego (*Μαθητεύσατε*), é identificado como imperativo central, tendo como elementos auxiliares o “batismo”, (*Βαπτίζοντες*), e o “ensino”, (*διδάσκοντες*) que no texto aparecerem como particípios adverbiais ligados diretamente ao imperativo principal.

Desta forma, extrai-se do texto um processo orientado por Jesus onde o “fazer discípulos” tem destaque imperativo, ou seja, tom de ordem em Seu ensinamento. A ideia é que apenas “indo”, “se movimentando” os primeiros discípulos e o restante da comunidade de crentes seriam capazes de cumprir a missão. O “ir” é estabelecido como elemento fundamental para que, através do deslocamento, outras nações tivessem a oportunidade de ouvir acerca do evangelho e assim serem discipuladas através do ensino e do batismo. Orígenes, no terceiro século disse: “Alguns deles abraçam a vida itinerante, visitando não só cidades, mas também vilarejos e casas no campo, a fim de fazer convertidos para Jesus”. (TERRY, 1998, p. 167). Este relato demonstra que muitos dos que faziam parte das primeiras comunidades de crentes cristãos entenderam como

7. O particípio de circunstância atendente é usado para comunicar uma ação que, em certo sentido é coordenada com o verbo finito. Com respeito a isto não é dependente, por isso é traduzido como verbo. Todavia é semanticamente dependente por que não pode existir sem o verbo principal. O particípio de fato ‘pega carona’ no modo do verbo principal. Este uso é relativamente comum, mais extensivamente mal entendido. (WALLACE, 2009, p. 640)

ordem o “ide” de Jesus, e enquanto iam, discipulavam.

A partir do particípio de circunstância atendente Πορευθέντες, ou seja, através do deslocamento “indo” em direção as pessoas, os discípulos e primeiros conversos deveriam ensinar em todos os lugares, comunicando as boas novas do evangelho em Jesus. O termo διδάσκοντες “ensino” está diretamente ligado às orientações de Jesus. O texto diz: [...] ensinando a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (Mt. 28,20).

O termo discípulo (matheteusate) no imperativo aorístico é o verbo explicativo que resume todas as responsabilidades missionárias. Então, os outros dois verbos no gerúndio (Baptizontes e Didaskontes) particularizam os dois objetivos do discipulado: o batismo, objetivo do evangelismo; o ensino, meio de educar. O discipulado atinge seu primeiro objetivo no ato definitivo do batismo e é continuado através da contínua atividade do ensino. (BURRIL, 2006, p. 27)

O ensino baseado no currículo apresentando e praticado por Jesus deveria ser o conteúdo mestre no processo de formação de novos discípulos. Deslocando-se em direção às pessoas, nas mais diferentes geografias, deveriam ensinar as boas novas do reino. Assim percebemos que a ideia transmitida pelo texto supera as barreiras da comunidade eclesial, ou seja, as “paredes da igreja”. O “ir” de Jesus deve impelir a igreja a sair de sua estrutura física, testemunhando e ensinando aos novos conversos, onde quer que estejam (Mc 16,15).

Diante do exposto, destaca-se a ação de “ir” e “fazer discípulos” como a principal função do líder cristão ou discípulo de Cristo, antes de qualquer outra atividade - seja ela administrativa, evangelística, homilética ou litúrgica. Discípulos que, utilizando seus dons, se multipliquem e formem outros discípulos, gerando assim um crescimento exponencial. Segundo Burril “a grande comissão permanece como a ‘carta magna’ da igreja cristã – a razão de sua existência é chamada de ‘a grande comissão’”. (Ibidem., p. 10)

### 3. Conceitos e Objetivos do Discipulado Cristão

Neste subtítulo será descrito o maior número possível de conceitos acerca do discipulado cristão objetivando uma inter-relação descritiva e conceitual da visão de autores que, com muito afincio, tem se dedicado a escrever sobre a temática.

Antigo e Novo Testamento, percebe-se claramente que o termo está dire-

tamente associado a um método de ensino-aprendizagem. Há por trás do discipulado um grande pano de fundo fundamentado no conhecimento teórico e prático que alicerça as bases para uma profunda formação do seguidor. Um dos exemplos históricos de discipulado é apresentado através do relacionamento discipular de Sócrates e Platão. Na era de ouro da Grécia antiga devia ser comum, segundo o que escreveu Phillips (2008, p. 19), “ver Platão em busca de seu mestre: o maltrapilho, descalço e brilhante Sócrates”. Aqui provavelmente estava o início de um discipulado que aparentemente funcionou. Após seu relacionamento mestre/ discípulo, Platão fundou a Academia, onde a filosofia e ciência continuaram a ser ensinadas por mais de 900 anos.

Segundo o mesmo autor, Jesus usou relacionamento semelhante com os homens que Ele treinou. Os discípulos escutavam seus sermões, viam os sermões sendo colocados na prática e após a ascensão, confiaram as palavras de Jesus a outros. Para o autor, discipulado é o relacionamento entre o mestre e seu aluno que aprende as palavras, atos e o estilo de vida do seu discipulador com a finalidade de ensinar a outros. (Ibidem., p. 20) Para Mulholland e Sheed (2004, p. 123), fazer discípulos refere-se ao processo pelo qual o discipulador (mentor) e o discipulando compartilham sua vida de seguidores de Jesus através de um relacionamento constante com o propósito de edificação para a maturidade cristã. Sendo um processo, requer tempo para alcançar o alvo da maturidade. O autor destaca a intimidade relacional como um dos fatores preponderantes no processo de formação discipular. Jesus dedicou mais tempo para seu grupo de discípulos em formação do que para as grandes multidões.

Para Dever (2016, p. 15) “discipulado é ajudar outras pessoas a seguir Jesus. É exercer uma boa influência espiritual sobre alguém, de modo deliberado, de forma que essa pessoa se torne mais parecida com Cristo”. Para o autor, a influência espiritual no relacionamento discipular é parte fundamental do processo. Segundo Moore (2015, p. 26) “Jesus define discipulado, em parte como amor pelos outros crentes”. Para o autor, o verdadeiro discipulado reclama uma atitude de dedicação à vontade revelada de Deus. Vontade que considera todas as coisas que se colocam em nosso caminho como algo enviado por Suas mãos. Ao invés do apego às coisas terrenas, deve-se abrir mão delas e levar a cruz de Cristo.

Para Suárez (2013, p. 10), “o discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e Seus discípulos, no qual o mestre

reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros”. Em sua conceituação o autor destaca que discipulado envolve estilo de vida, e não simplesmente requisitos a cumprir. Para Bruce (2015), conforme segue abaixo, o discipulado deve se desenvolver em um ambiente relacional gerando aprendizes e praticantes da fé cristã:

O processo de discipulado não deve desenvolver meros companheiros de viagem, ele deve desenvolver aprendizes da doutrina cristã e ocasionais cooperadores das obras do reino, e mais tarde agentes treinados por Cristo para auxiliar a propagar a fé depois que Ele deixasse a Terra. A partir de um relacionamento próximo com o Jesus, deveriam ser, agir e ensinar como Suas testemunhas neste mundo. (Ibidem., p. 46)

O verdadeiro discipulado de Jesus é um dos pontos focais na teologia bonhoefferiana. Segundo o teólogo, todo o cristão é chamado para assumir um estreito relacionamento com Jesus, independentemente das circunstâncias, e assim, de forma íntima com o mestre absorver a essência de seus ensinamentos e força para colocá-los em prática em seu dia a dia.

O verdadeiro cristianismo, segundo Bonhoeffer, é um cristianismo que desfruta da constante presença de Cristo. “Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo; é apenas uma ideia, um mito”. (BONHOEFFER, 2016 p. 35). Em outras palavras, não há como se desenvolver um discípulo de Jesus se a busca pela comunhão com Ele não for algo constante. Aquele que foi chamado por Jesus para ser um discípulo deve avançar em sua vida cristã, deixando para trás tudo que possa atrapalhar essa caminhada.

O indivíduo que foi chamado deixa para trás tudo que possui não com o intuito de fazer algo especial, mas simplesmente por causa do chamado de Jesus, pois de outro modo não pode seguir seus passos [...] uma vez chamado, o ser humano tem de abandonar a existência que levava até então. Sua única tarefa passa a ser “existir”, no sentido estrito do termo. Tem de abrir mão de tudo que viveu; o que é velho deverá ficar para trás. (Ibidem., p. 33).

Bonhoeffer apresenta o processo de discipulado como o ato de seguir a Jesus. Ele diz: “O que sabemos sobre o conteúdo do discipulado? “Segue-me! Vinde após mim!” Isso é tudo. Segui-lo parece algo sem conteúdo. Não é algo

que de fato possa ser visto como programa de vida cuja realização faça sentido”. (Ibidem., p. 33).

Para Bonhoeffer a ênfase do discipulado está em ouvir o chamado e ir ao encontro de Jesus. No livro discipulado (2016) o autor apresenta o texto de Mc 2:14 como um exemplo de chamado e obediência: “Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: segue-me! Ele se levantou e o seguiu”. Segundo o teólogo, o chamado é feito e, de imediato, aquele que ouviu obedece. “A resposta do discípulo não é uma confissão oral da fé em Jesus, mas um ato de obediência” (Ibidem., p. 32).

Alguns autores destacam elementos que podem ser definidos ao longo de um processo de discipulado cristão. Mulholland e Sheed (2004, p. 124), descrevem o que o discipulado deve incorporar como elementos fundamentais:

Quadro 7 – Elementos Fundamentais do Discipulado

<b>Observação</b>	Os Discípulos de Cristo foram convidados a segui-Lo e estar com Ele para observá-Lo. (Mc. 1,17; 3,13)
<b>Instrução</b>	Jesus passou para os discípulos tanto conteúdo cognitivo como maneiras práticas de servir. (Mc 6,7-11; Lc 9,1-9)
<b>Obediência</b>	O “segue-Me” de Jesus requer obediência
<b>Missão</b>	Jesus os enviava para ensaiar experiências práticas, dando-lhes oportunidade para testar seu compromisso, obediência e confiança. (Mc 6,7-11; Lc 9,1-9)
<b>Supervisão, revisão e avaliação</b>	Jesus elogiou, corrigiu e advertiu seus discípulos (Lc 10,17-24).
<b>Prestação de contas</b>	Relatavam a Jesus tudo o que tinham feito e ensinado (Mc 6,30).
<b>Equipes</b>	Jesus enviou seus discípulos de dois em dois (Mc 6,7) reconhecendo a necessidade de cada um em auxiliar seu colega.

Fonte: Mulholland e Sheed (2004, p. 124)

Em resumo, no processo citado acima, segue-se os seguintes passos:

1. Eu faço – eles observam
2. Eu faço – eles ajudam
3. Eles fazem – eu ajudo
4. Eles fazem – eu observo
5. Eles fazem – outros observam

Já Suárez (2013, p. 24), apresenta uma série de princípios do discipulado de Jesus que, sendo o discipulador por excelência, apresentou em sua caminhada um exemplo claro de ações necessárias no discipulado:

**Quadro 8 - Ações Necessárias no Discipulado Cristão**

1. Ele orou por Seus discípulos (Jo 17,9-11)
2. Ele ensinou as Escrituras para os discípulos (Lc 24,44-48)
3. Ele dependia de Deus e do poder do Espírito Santo (Jo 5,30)
4. Ele treinou Seus discípulos e depois os enviou para ministrar (Mt 28,18-20)
5. Ele os exortou a viver uma vida de fé (Mt 14,22-32)
6. Ele enfatizou uma perspectiva eterna (Mt 6,19-21)
7. Ele iniciou e modelou o evangelismo (Lc 8,1)
8. Ele foi um exemplo de serviço (Mt 20,28)

Fonte: Suárez (2013, p. 24)

Ainda segundo Suárez (2013, p. 25), no quadro abaixo se esboça a visão de Jesus em relação ao estilo e método eficaz para pregação do evangelho.

**Quadro 9 - Estilo e Método da Pregação do Evangelho**

<b>Venha e veja (Jo 1,38-39)</b>	Nesse estágio os seguidores de Cristo eram apenas curiosos atraídos pela novidade de um jovem mestre itinerante com ideias incomuns.
<b>Venha e siga-Me (Mc 1,17)</b>	Nesse segundo estágio o chamado foi confirmado. Meros curiosos foram transformados em discípulos.
<b>Venha e fique comigo (Mc 3,13-14; Mt. 9,37-38)</b>	No terceiro estágio Jesus equipou Seus discípulos para o cumprimento da missão.
<b>Venha e permaneça em Mim (Jo. 10,5-7)</b>	No quarto estágio Jesus conscientizou Seus discípulos sobre as necessidades e os custos da missão. Seu objetivo era torná-los discipuladores, como Ele.

Fonte: Suárez (2013, p. 25)

Percebe-se o claro processo desenvolvido por Jesus com os discípulos, des-

de o chamado até o envio. Um processo que exige relacionamento próximo e dinâmico e inclui tanto os aspectos cognitivos quanto práticos em um mesmo conjunto. Aquilo que era aprendido de forma verbal e visual, no último estágio deveria ser compartilhado com outros.

### 3. Os Dons Espirituais no Cumprimento da Missão Cristã

O movimento cristão se desenvolveu ao longo da história d.C, tendo como principal fundamento os ensinamentos de Jesus. A Igreja apostólica avançou pelas fronteiras com uma mensagem clara a proclamar, a esperança de perdão, salvação e do advento de Jesus. Enquanto os ensinamentos eram compartilhados, a igreja se estruturava baseada em sua matriz, que por sua vez contém em sua configuração os pilares do reino ensinado e defendido por Jesus. O fator propulsor deste movimento, conforme já relatado nesta pesquisa, tem como base a “Grande Comissão” de Mateus 28. Esta missão confiada aos primeiros cristãos é permeada de grandes desafios. Em destaque cita-se os desafios geográficos, culturais, econômicos, étnicos e muitos outros que compunham o pacote entregue por Jesus ao núcleo pioneiro do movimento cristão. Para o avanço do evangelho, com poder, Jesus envia seus discípulos prometendo capacitá-los para o cumprimento desta grande missão (At 1,8). O Espírito Santo os revestiria de poder e capacitação para a tarefa outorgada por Jesus. Esta capacitação, em certo sentido, abrange os dons ofertados a igreja que, segundo o apóstolo Paulo, funcionando sincronizadamente como um corpo, tendo como cabeça Jesus, atuaria entre as nações estabelecendo as características do ministério de Cristo em benefício de todos (1Co 12,12-27). Segundo Storms (2016, p. 14) “os dons espirituais são Deus se fazendo presente nos pensamentos humanos, nas ações humanas e no amor humano, manifestando-se neles e por meio deles”.

Através do recebimento e uso dos dons espirituais, os primeiros cristãos e a posteridade deste movimento, ou seja, o cristianismo moderno, estabelece - segundo o que diz Paulo em Efésios 4,7: “E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo” - a oportunidade de ratificar o ministério de Cristo mesmo após Sua morte, ressurreição e ascensão, constituindo um movimento de ações compartilhadas promovendo o “dom de Cristo”. Quando chegou ao fim de Seu ministério, Jesus disse em João 17,4: “Eu te glorifiquei na terra, completando a que me deste para fazer”. Deus quer criar caráter semelhante ao de Cristo nos seres humanos. Se for permitido que Ele entre e habite completamente no indivíduo, concederá condições para refleti-Lo mais



claramente. Deus deu a todos um papel a desempenhar na expansão da missão. (LOGAN, CARLTON, 2015, p. 21). Paulo em Efésios 2,10 diz: “Por que somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que nós as praticássemos”. Em outras palavras, deve haver uma continuidade do ministério de Cristo através de Sua igreja, que agraciada com diferentes dons altamente necessários, deve praticá-los.

Sem dúvida, a igreja é, de alguma forma, como um poderoso exército, mas isso não significa que devemos pensar de nós como pessoas em uniformes camuflados que não se podem diferenciar. Deveríamos ser mais como uma orquestra: cada parte fazendo sua contribuição única para a harmonia sinfônica (CARSON, 2013, p. 33).

Na Bíblia encontramos cinco listas de dons espirituais, conforme descritas no quadro abaixo, extraído de Carson (2013, p. 38):

Quadro 10 - Lista de Dons Espirituais no Novo Testamento

1Co 12,8-11	1Co 12,28	Rm 12,6-8	Ef 4,11	1Pe 4,11
Palavra de Sabedoria	Apóstolos	Profecia	Apóstolos	Falar
Palavra de Conhecimento	Profetas	Serviço	Profetas	Servir
Fé	Mestres	Ensino	Evangelistas	
Cura	Os que Realizam Milagres	Encorajamento	Pastores	
Realização de Milagres	Os que tem Dom de Curar	Contribuição	Mestres	
Profecia	Os que Socorrem os Outros	Liderança		
Discernimento de Espíritos	Os que Administram	Uso de Misericórdia		
Variedade de Línguas	Os que Falam Variedades de Línguas			
Interpretação de Línguas				

Fonte: Referências de textos extraídos da Bíblia de Estudos Andrews (2015)

Para Carson, a segunda lista enumera os três primeiros itens (primeiro, segundo e terceiro) e usa categorias especiais para eles (apóstolos, profetas e mestres); a partir daí a lista não é mais enumerada e ela muda de ministérios pessoais para funcionais. Carson menciona que as listas, como um todo, contêm uma impressionante mistura daquilo que alguns poderiam chamar de dons “naturais” e “sobrenaturais” ou dons “espetaculares” e “mais comuns”. Isso, para o autor, está de acordo com o argumento de Paulo em 1 Coríntios 12,1-7. Paulo não faz distinção. É o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

Nas cinco listas destacadas somam-se 21 itens, onde alguns podem ser considerados similares, não se apresentando com objetivo exaustivo, pois, de acordo com Carson (2013, p. 37), a discussão de Paulo nos versos 4-6 de 1 Coríntios 12, sugere uma multiplicidade de dons oferecidos pelo Espírito Santo “que opera tudo em todos para um fim proveitoso”. Sendo assim, crê-se que o texto abre possibilidade para uma variedade muito maior de dons, que ao longo das escrituras são identificados. Em destaque cita-se o final do verso 6, onde todos os seres humanos são incluídos como receptores dos dons do Espírito. Aqui é vedado pensamento de eleição carismática. O Espírito Santo não escolhe apenas alguns, pelo contrário, Ele distribui a todos, individualmente, como lhe apraz (12,11). Outro detalhe em destaque é que os dons, segundo o apóstolo Paulo não são ofertados para engrandecimento pessoal. O texto diz: devem ser utilizados “para um fim proveitoso” (12,7). Os dons concedidos pelo Espírito devem ser considerados em extrema relevância e praticados em benefício do próximo.

A expressão específica que é usada poderia ser traduzida literalmente por “com o objetivo de ganhar”, sem tornar claro se esse ganho é para o indivíduo ou para o grupo. O contexto mais amplo torna claro que é o segundo sentido que está em vista [...] O versículo elimina a possibilidade de um “*carisma*” para engrandecimento pessoal ou meramente para satisfação pessoal; ele não elimina a possibilidade de benefício individual (assim como o casamento “*carismata*” de acordo com 1Co 7,7, pode beneficiar o indivíduo), desde que o resultado final seja o benefício comum (Ibidem., p. 36).

Fica claro, nos poucos elementos apresentados, o posicionamento bíblico em relação ao propósito final dos dons concedidos por Deus à Sua comunidade de crentes, entretanto, se faz necessário uma análise mais detida da visão dos dons espirituais, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

No Antigo Testamento, escrito em hebraico, de acordo com Renovato (2014) a palavra “dom” tem vários significados. Dentre eles é destacado o termo “*mattan*” com o sentido de alguma coisa oferecida gratuitamente ou um presente - como em Provérbios 19,6; 21,14 - ou como dote, dádiva (Gn 34,12). O autor apresenta também o termo “*maseth*”, que também significa presente (Jr 40,5). Dentre todas, a mais usada é “*minchach*” que é apresentada 209 vezes com o significado de oferta, presente. (Sl 45,12; 72,10). De acordo com Renovato “em todas as ocorrências o sentido é sempre de algo que é oferecido gratuitamente” (Ibidem., p. 11).

No Novo Testamento, escrito em grego, de acordo com Renovato (2014, p. 11), o termo “dom” assume diversos significados. O termo “*charis*” indica dom gratuito, ou graça (2Co 8,4). Outro termo é “*charisma*” usada 17 vezes significando dons do espírito, concedidos pela graça de Deus. Está relacionado ao termo “*ta charismata*” utilizado em 1 Coríntios 12,4,9,28.30-31 que tem o sentido de dons da graça. Outro termo ainda em destaque no Novo Testamento é “*ta pneumática*”, usado por Paulo em 1 Coríntios 12,1; 14,1 referindo-se aos dons espirituais. Em suma os dons, tanto no Antigo, como no Novo Testamento são apresentados pelos autores bíblicos como presentes advindos da parte de Deus para a prática do ministério em benefício do próximo.

Outra lista de dons em destaque situa-se na epístola de Efésios 4. Será dada maior atenção a esta lista por ser um elemento importante na formulação do terceiro capítulo desta pesquisa.

O contexto do capítulo apresenta um apelo feito por Paulo em busca de uma constante unidade. Ele diz: “esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito”. (Ef 4,3). Segundo o comentário da Bíblia Andrews (2015, p. 1537), “neste novo uso da metáfora do corpo, Paulo compara os cristãos como parte de um corpo cuja cabeça é Cristo e os indivíduos com seus dons são identificados no verso 11 como as juntas e ligamentos que unem o corpo”. O bom andamento do corpo depende do desenvolvimento certo de cada membro.

O objetivo pelo qual Paulo destaca a necessidade de unidade tem a ver com o compartilhamento da graça concedida a cada um segundo a proporção do dom de Cristo (4,12). Juntos, atuando em sincronia, como um corpo bem ajustado, o reino de Deus continuaria sendo estabelecido de pouco em pouco dando sequência ao ministério de Cristo na Terra. Para isso, a prática dos dons,

com os quais foram agraciados os primeiros cristãos precisava ser uma realidade vibrante na comunidade cristã do primeiro século e continua sendo uma necessidade nos nossos dias. Assim, segundo o verso 12, o corpo de Cristo seria edificado e aperfeiçoado.

O “aperfeiçoamento” citado por Paulo tem a ver com um conhecimento claro dos dons citados nesta lista aos Efésios e por consequência disso, a prática destes dons. A lista apresenta cinco dons de ministério ou liderança, nesta ordem: Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres (4,11).

Paulo está descrevendo em termos muito simples o núcleo de ministérios que compõem o corpo de Cristo. Ele afirma claramente que Cristo tem certos dons para cada um de nós e distribuí em todo o corpo como lhe aprouver. O ministério da Igreja é inconfundivelmente declarado na lista. Esta lista encontra expressão nos dons de apóstolo, profeta evangelista, pastor e professor (APEPM). É através da diversidade de APEPM que somos capazes de perceber e operar em todo o espectro do ministério de Cristo. (HISRCH, CATCHIM, 2014 p. 6)

Em seguida será descrito especificamente cada um dos dons citados por Paulo em Efésios 4, tendo como base o texto de Hirsch e Catchim (2014, p. 7-8) extraído do livro *The Permanent Revolution*:

a. O Apóstolo: Aquele que é enviado

A palavra Apóstolo significa literalmente “enviado”. O apóstolo é um dos responsáveis para ativar, desenvolver e proteger os membros da igreja. Ser “enviado” dá à sua vida uma influência catalítica, muitas vezes desempenha o papel do empresário na vanguarda de novos empreendimentos. Eles estão preocupados com a extensão global do cristianismo como um todo em toda cultura e sociedade. Como tal, são frequentemente chamados para as questões relacionadas com a concepção, sistemas e estruturas organizacionais globais. Acima de tudo, eles têm um grande foco missional para o ministério. O dom apostólico é caracterizado pelo alto desejo de desbravar fronteiras e enfrentar desafios constantes sem medo de persistir em ações que para muitos podem ser consideradas de pouco proveito ou até mesmo algo grande demais para ser conquistado.

b. O Profeta: Aquele que pergunta e faz reformas

Profetas são sensíveis a Deus e àquilo que é importante para Ele. Eles enfatizam a verdade independentemente das consequências em qualquer tempo

e lugar. Essencialmente, profetas são os guardiões da aliança que Deus fez com o ser humano. Em relação à igreja, à sociedade ou a alguma configuração organizacional, os profetas são rápidos para reconhecer a diferença entre “o que é” e “o que deve ser.” Muitas vezes os profetas questionam o *status quo* bem como iniciam esforços de reformas necessárias. Eles não são satisfeitos até que vejam um “fechar a lacuna” entre as orientações de Deus e as exigências do ponto de vista humano, que muitas vezes tende a desfigurar o plano de Deus. Este desejo de ver as verdades de Deus desenvolvidas em formas concretas e tangíveis destaca a principal qualidade do seu ministério.

c. O Evangelista: Aquele que recruta e reúne

Aqueles que possuem o dom de evangelistas comunicam a mensagem do evangelho de uma maneira que as pessoas respondem tendo maior fé em Deus e em si mesmas. Como um líder, o/a evangelista é um comunicador/recrutador por excelência, levando a mensagem evangélica em tempo e fora de tempo. O líder evangelista impacta a comunidade através da expansão do reino de Deus. Evangelistas comunicam a mensagem das boas novas com alegria, de diversas maneiras. Estabelecem relacionamentos significativos e um compromisso genuíno com as pessoas de sua comunidade. Eles são ávidos comunicadores de ideias e frequentemente compartilham seus pensamentos e sentimentos de forma convincente.

d. O Pastor<sup>8</sup>: Aquele que protege e fornece

Os pastores têm um instinto natural para proteger a comunidade do perigo, provendo todo o necessário para suprir as necessidades dos que estão sob sua responsabilidade. Cuida e nutre a sua comunidade buscando a contínua saúde espiritual e comunitária da igreja. Eles têm um sentido de lealdade para com a organização e as pessoas que a compõem. Eles garantem que a comunidade tenha um ambiente seguro e amoroso, focando em seu ministério de forma prioritária, as pessoas.

e. O professor: Aquele que compreende e explica

Professores encontram grande satisfação em ajudar as pessoas a aprender

---

8. A estrutura desta frase em grego sugere que Paulo pretende falar de duas fases de uma mesma função, “pastores e mestres” (DORNELES, 2014, p. 1135). Para fins didáticos, neste artigo, haverá a separação em dois tópicos objetivando em um processo de discipulado desenvolver tanto o ministério pastoral, como também o ministério do ensino.

a verdade e a crescer no conhecimento. Desenvolvem uma visão mais filosófica, complexa e sistêmica da verdade e então ajuda as pessoas a compreendê-la. Formulam o currículo e percursos de aprendizagem. Os mestres garantem que as verdades das Escrituras sejam passadas de geração em geração. Seu ministério é permeado principalmente pela natureza instrucional.

Levando em consideração as definições acima, e analisando alguns detalhes do ministério de Jesus, percebe-se que Ele foi, de fato, a personificação de todos os dons citados por Paulo em Efésios 4. A Bíblia O apresenta como Apóstolo, ou seja, enviado por Deus para colocar em prática um plano revolucionário com o objetivo de salvar a humanidade (Jo 3,16; 20,21). Cristo, da mesma forma, possui características de profeta. Ele chamava a atenção das pessoas, em sua época, para que fizessem de forma correta a vontade do Pai (Mt 21,12; Mt 23,23), Ele também se apresentou como um grande evangelista (Jo 4,1-42), foi um modelo pastoral (Jo 10,11-16) e também um grande professor (Lc 19,47). O modelo de Hirsch e Catchim (2014, p. 7-8) denominado APEST (*Apostle, Prophet, Evangelist, Shepherd e Teacher*), ou APEPM<sup>9</sup> em português, apresenta os dons de Cristo (Ef 4,7), como elementos fundamentais que precisam fazer parte do corpo da igreja, dando assim continuidade ao ministério de Jesus até que Ele venha (Jo 14,1-3). A prática destes dons estabelece de forma equilibrada e saudável, uma igreja que cresce cumprindo sua missão evangélica tendo como base e foco a pessoa de Cristo.

## Conclusão

Este artigo abordou o tema da “grande comissão” conforme descrito no livro de Mateus 28,16-20 e objetivou extrair os elementos básicos da ordem de Jesus Cristo aos discípulos e destacar, dentre eles, os aspectos fundamentais do processo de discipulado cristão. Também foi objetivo deste artigo analisar de forma breve os termos apresentados por Mateus buscando a compreensão objetiva da ordem dada por Jesus aos discípulos em sua época, e por consequência a toda genealogia posterior. Verificou-se que a ação de “ir” e “fazer discípulos” deve ser a principal função do líder cristão ou discípulo de Cristo, antes de qualquer outra atividade - seja ela administrativa, evangelística, homilética ou litúrgica. Destacou-se o processo desenvolvido por Jesus com os discípulos, desde o chamado até o envio. Um processo que exigiu relacionamento próximo e

9. Iniciais na língua portuguesa para apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre.

dinâmico e incluiu tanto os aspectos cognitivos quanto práticos em um mesmo conjunto. Aquilo que foi aprendido de forma prática deveria ser compartilhado com outros. De acordo com esta pesquisa verificou-se que o ato de fazer discípulos refere-se ao processo pelo qual o discipulador (mentor) e o discipulando compartilham sua vida de seguidores de Jesus através de um relacionamento constante com o propósito de edificação para a maturidade cristã, sendo este um processo que requer tempo para alcançar o alvo da maturidade.

Também foram destacados alguns conceitos de discipulado cristão, conforme segue: “Discipulado é ajudar outras pessoas a seguir Jesus. (DAVER, 2016, p. 15). Outro conceito importante apresentado é o de Suárez (2013, p, 10) onde diz: “O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e Seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros”. Ainda outro conceito de discipulado em destaque no artigo é o de Bonhoeffer que apresenta o processo de discipulado como o ato de seguir a Jesus. Ele diz: “O que sabemos sobre o conteúdo do discipulado? “Segue-me! Vinde após mim!” Isso é tudo. Segui-lo parece algo sem conteúdo. Não é algo que de fato possa ser visto como programa de vida cuja realização faça sentido”. (BONHOEFFER, 2016 p. 33).

Por fim, foram apresentadas, também, algumas listas de “Dons Espirituais” descritos na Bíblia Sagrada nos livros de Efésios 4,11-13, Romanos 12,6-8, 1 Coríntios 12,8-11, 1 Coríntios 12,28 e 1 Pedro 4,11 objetivando clarear introdutoriamente o perfil ministerial embasado nas dádivas concedidas pelo Espírito Santo para o desenvolvimento do serviço eclesástico, aperfeiçoamento dos fiéis e cumprimento da missão evangélica. Nas cinco listas em destaque somam-se 21 itens, onde alguns podem ser considerados similares, não se apresentando com objetivo exaustivo, mais de acordo com a pesquisa, sugerindo uma multiplicidade de dons oferecidos pelo Espírito Santo “que opera tudo em todos para um fim proveitoso”. Sendo assim, crê-se que o texto abre possibilidade para uma variedade muito maior de dons, que ao longo das escrituras são identificados. Assim, percebe-se claramente que a grande comissão de Jesus se torna possível não meramente pelos atributos humanos e sim pelas dádivas dividas colocadas à sua disposição com a finalidade de “de fato” se fazer discípulos (Mateus 28,19).

## Referências

- BEAUMONT, M. Guia Prático da Bíblia. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de estudos Andrews. Almeida Revista e Atualizada 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015, 1888 p.
- BONHOEFFER, D. Discipulado. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BRUCE A. B. O Treinamento dos doze. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2015.
- BRUCE, F. F. Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- BURRILL, R. Discípulos modernos. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- CARSON, D. A. Comentário bíblico: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- DEVER, M. Discipulado: Como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- DORNELES, V. (ed.). Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia. vl. 5. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- HIRSCH, A.; CATCHIM T. The permanent revolution. APEST for the people og God: A six week exploration. Missio Publishing, 2014.
- KEENER, C. S. Comentário histórico-cultural da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LOGAN, R.E.; CARLTON, S. Coaching para iniciantes: descubra o poder do coaching. Brasília: Palavra, 2013.
- MILLER, S. M.; HUBER, R, V. A Bíblia e sua história: O surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- MOORE, W. Multiplicando discípulos: O método neotestamentário para o crescimento da igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.
- MULHOLLAND, D. M.; SHEDD, R.P. Teologia da igreja: uma igreja segundo os propósitos de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.
- RAYMOND E. BROWN; JOSEPH A. FITZMYER; ROLAND E. MURPHY. (ed.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: SP. Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.
- PHILLIPS, K. A Formação de um discípulo. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- RENOVATO, E. Dons espirituais e ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário. Rio de Janeiro: Casa Publicadora da Assembleia



de Deus, 2014.

STORMS, S. Dons espirituais: uma introdução bíblica, teológica e pastoral. São Paulo: Vida Nova, 2016.

SUAREZ, A. Nos passos do mestre. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

TERRY, J. M. The history of missions in the early church. In: Terry, John Mark et al (org.). Missiology: na introduction to the foundations, history, and strategies of world missions. Mashville: Broadmann, 1998, p. 167.

SOCIEDADE BIBLICA DO BRASIL, Novo Testamento Interlinear Grego-Português. Barueri, SP, 2004.

VELOSO, M. Mateus: Comentário Bíblico Homilético: Contando a História do Jesus Rei. Casa Publicadora Brasileira, 2006.